

# Entrevista

## Magda Guadalupe dos Santos

Magda Guadalupe dos Santos é Professora do Departamento de Filosofia e da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, e da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE - UEMG), em Belo Horizonte. Doutora em Direito pela UFMG, Mestre em Filosofia pela UFMG. Bacharel em Filosofia e em Direito. Pesquisadora de filosofia e teorias feministas, integrante de *The International Simone de Beauvoir Society* desde 2010 e do GT-ANPOF Desconstrução, alteridades e linguagem desde de 2010.

Elaboração das perguntas e realização da entrevista por Juliana Oliva e Luiza Helena Hilgert.

**Ipseitas:** Quando e de que maneira surgiu o interesse em estudar Simone de Beauvoir? Conte-nos um pouco como foi seu primeiro contato, quando você ouviu pela primeira vez sobre Beauvoir e como essa experiência impactou na sua vida.

**Magda Guadalupe dos Santos:** Agradeço muito à Profa. Luiza Hilgert pelo convite recebido para compor este dossiê comemorativo dos setenta anos de publicação de *O Segundo sexo*. De fato, é uma grande honra poder participar da celebração dessa obra que tanto marca as teorias e os movimentos feministas do Século XX, quanto demarca a consciência de reflexão acerca das inscrições de submissão impostas às mulheres no Brasil e em todas as partes do globo, mesmo que de forma diferenciada em cada canto desse nosso vasto mundo.

O meu interesse em estudar o pensamento de Simone de Beauvoir surgiu, de início, na medida em que fui lendo seus escritos, no final dos anos 1970, e fui me deparando com uma escrita clara, viva, muito interessante (pois fora dos padrões de uma escrita tradicional), versando sobre tópicos variados, mas que giravam todos em torno ao sujeito mulher ou às mulheres em diversas situações de experiência de vida.

Na sequência, meu interesse por suas obras cresceu, quando tomei consciência de que seus escritos deviam ser lidos como filosóficos por excelência, independentemente se eram escritos no estilo de ensaios, ficção ou obras de Memórias, também denominadas de autobiográficas, em meio à centena de obras de filósofos que contemplam, todos eles, um suposto logos universal, mas com explícita dicção masculina.

Eu estava nessa época já entrando na graduação em Filosofia, na FAFICH da UFMG, em Belo Horizonte, e, como o tempo passa rapidamente, já iniciava, anos depois, o processo de elaboração de um tema para tentar o mestrado no final deste dos quatro anos do curso de bacharelado, que eu cursava com grande empenho, quase com tenacidade, no final dos anos 1970.

É claro que ler os escritos de Simone de Beauvoir, ao lado das leituras das obras de Hegel, Nietzsche, Freud e Sartre, pois estes eram os filósofos pelos quais eu mais me interessava no curso de graduação, essa leitura significava a expressão de uma dupla vontade. De fato, eu tanto queria trazer os escritos de Beauvoir para o campo teórico-conceitual da filosofia, ao lado dos filósofos nomeados, como eu também reconhecia que ela, entre os demais, era a única a problematizar a situação das mulheres como um tema pertinente e mesmo audacioso entre os questionamentos da história da filosofia. Ela era para mim uma mulher filósofa a trazer para os problemas da filosofia o questionamento acerca do feminino e das mulheres que o incorporavam ao longo da cultura ocidental. É claro que há nessa descoberta um processo de admiração, de espanto e paixão, que torna inesquecível a leitura de seus escritos e o sentido que eles passam a abrir para mim, que, nos anos 1970, deveria ser supostamente uma das várias moças bem-comportadas a estudar filosofia.

Embora minha inspiração feminista já tenha vindo de um período anterior às leituras de Beauvoir, ela torna possível, teoricamente e em larga escala, o que eu já experimentava na realidade vivida, em uma tímida elaboração mental do reconhecimento das diferenças, discrepâncias, subordinações do feminino na cultura.

Mas é preciso também lembrar que, nos anos 70, estávamos em plena ditadura militar no Brasil, e o anseio por liberdade equivalia, à época, para a nossa constituição como sujeitos políticos conscientes de nossos limites e possibilidades, a algo realmente valioso. De outra feita, vale mencionar também como se mostra surpreendente, aos 17/18 anos, ter acesso a escritos que sabem transitar do individual ao político, do íntimo do ser às tematizações da sociedade política. É claro que o impacto dos escritos de Beauvoir na minha vida, e penso que na vida de muitas mulheres ao longo destes últimos setenta anos, foi mesmo profundo, mas sempre tomado como algo acolhedor, desafiador e sempre muito estimulante, e que marcou a minha vida para sempre.

**Ipseitas:** Como tem sido “abrir caminhos” para o estudo de Beauvoir no Brasil? Caminhos que, aliás, têm sido trilhados até hoje por outras pesquisadoras nesta empreitada.

**Magda Guadalupe dos Santos:** Agradeço por usar aqui a expressão “abrir caminhos” para os estudos beauvoirianos no Brasil e ligá-la ao trabalho que venho desenvolvendo nos últimos 40 anos da minha vida. A Profa. Luiza Hilgert e outras pesquisadoras anteriores a nós já enfrentaram também o desafio de “abrir caminhos, especialmente, no campo acadêmico, tomando como referência as obras de Simone de Beauvoir.

Bem, vamos puxar um pouco os fios da memória e retornar aos idos anos 1970. Vem-me à memória a cena de quando fui conversar com a minha possível orientadora de mestrado na UFMG sobre o meu objeto e tema de pesquisa, que versava sobre o pensamento de Simone de Beauvoir. À época, eu queria trabalhar num projeto voltado para uma análise fenomenológica da alteridade feminina. Eu me lembro do olhar assustado e de rejeição da parte da possível orientadora, que me disse, mais de uma vez, que eu não tinha um objeto de pesquisa e que *O Segundo sexo*, que eu tomava como texto principal, e Beauvoir, meu marco teórico, não poderiam, em nenhuma

hipótese, serem tomados como texto e autora de filosofia. Minha insistência me levou a continuar nesse projeto, mas sob nova orientação, de uma professora também leitora de Beauvoir, a Profa. Maria Eugênia Dias de Oliveira, que me possibilitou concluir o mestrado e me ajudou a reconhecer limites e metas do projeto e do próprio texto dissertativo, num novo plano axiológico, de incentivo e mesmo de confiança na potencialidade do tema. Claro que essa delicada situação me levou a uma experiência nova de autoafirmação, a qual tanto me foi possibilitada pelo apoio acadêmico de uma orientadora verdadeiramente “amiga da sabedoria”, que não desconsiderava o valor das obras de Beauvoir.

Em termos de “abrir caminhos”, na verdade a filosofia de Beauvoir é que possibilita novos rumos de conhecimento, novas formas de pensar o conhecimento. Quem se permite pensar com ela, aprende a rumar para outras veredas filosóficas e penso que é bem isso que todas nós temos feito nas últimas seis décadas no Brasil após a publicação de *O Segundo sexo*.

Contudo, esses novos rumos nunca foram simples, nem para Beauvoir e muito menos para suas leitoras, intérpretes, pesquisadoras. Beauvoir nos deixa uma forma assistemática de pensar e ainda ressalta que “a condição feminina” não se sujeita ao modo tradicional de repetir saberes ordenados em delírios sistêmicos da Filosofia, ou em seus termos, “que a condição feminina não predispõe a esse gênero de obstinação”<sup>1</sup>. O que ela estaria nos dizendo com esta assertiva em *Na Força da Idade?* Possivelmente, que as distintas situações em que se encontram as diferentes mulheres, pela sua especificidade existencial, não se ajustariam aos moldes abstratos das categorias da Filosofia. A realidade vivida pelo que ela denomina a “condição feminina” era algo aberto e vivo e não fixo em regras sistêmicas e abstratas.

Nesse viés de possibilidades interpretativas, refletir com Simone de Beauvoir só poderia mesmo significar variadas formas de pensar o impacto da história que recai a todo instante sobre nós, especialmente sobre “nós mulheres”, como um conceito amplamente tomado e cheio de diferenças. Esse “abrir caminho” não poderia corresponder a um simples exercício meditativo ou a novas técnicas discursivas, mas a um novo método – a um novo caminho: propor de novo o sentido de uma filosofia que se permita voltar para a situação existencial das mulheres. Afinal, a pergunta enfática de abertura da introdução a *O Segundo sexo*, “O que é uma mulher?”, não poderia encontrar uma resposta pronta, fixa, estigmatizada. Só poderia ser mesmo um devir continuado, no qual cada uma de nós vai superando dificuldades ao encontro de outras mulheres que vão sempre abrindo novos caminhos.

A minha trajetória na Filosofia, em meio às descobertas dos escritos de Simone de Beauvoir e dialogando com suas intérpretes no mundo inteiro, talvez não seja tão diferente da trajetória de outras mulheres no meio acadêmico. Contudo, para nós que lemos a filosofia sob a ótica e amparo das teorias feministas, os escritos de Beauvoir se abrem em nossas vidas como um tesouro mágico, pois pleno de ideias, de métodos inovadores, e nos incitam a ter coragem para seguir adiante nos desafios acadêmicos e mesmo na nossa vida de pesquisadoras, professoras ou apenas como mulheres.

---

1 BEAUVOIR, S. *Na Força da Idade*, 1961, p. 197.

**Ipseitas:** Para além da importância de *O Segundo sexo* no que diz respeito à situação da mulher, para você, qual é a importância de estudar Beauvoir hoje? Qual ou quais noção(s) e conceito(s) *da sua filosofia contribuiria(m) para pensarmos a situação, o sujeito e o mundo hoje?*

**Magda Guadalupe dos Santos:** Penso que a pergunta formulada já traz algumas das minhas respostas, justamente os conceitos de *situação, de sujeito e de mundo hoje*. Eu diria, em primeiro lugar, que é importante estudar Beauvoir hoje porque ela soube propor de novo, à história da filosofia, a necessidade intrínseca a todo ser humano de indagar e questionar, justamente numa época de certo ceticismo em relação ao valor da busca do fundamento metafísico da realidade. Beauvoir insiste em trazer para o cenário filosófico do Século XX a enfática questão de como poderia o ser humano, sempre ávido por se sentir livre e por transcender a todo instante os planos cotidianos da imanência, como poderia um ser humano-mulher almejar a transcendência, trilhar rumos próprios, que não o de mera subordinação à ordem patriarcal? Este questionamento sobre a situação existencial da mulher e das mulheres ao longo da história da cultura, que está na introdução de *O Segundo sexo*, traz à cena da filosofia também a indagação sobre a noção de *situação, de sujeito* e de sua *relação* com o mundo. Os pontos dessa questão são já os princípios da filosofia existencialista e, em especial, da filosofia de Beauvoir. É porque se encontra ou se encontram em situação de submissão e de desvalia histórico-cultural, por meio das normas morais, legais, religiosas, entre outras, é por isso que a mulher ou as mulheres são tomadas como o *outro* da cultura. Sua trajetória constitutiva de subjetividade é muito mais complexa e cheia de ciladas ou artifícios institucionais, tais como “a vida com a finalidade ao casamento, à maternidade, aos cuidados de um lar”, em que seria a senhora ou a rainha de um reino alheio. É porque vivemos todas num mundo real, em que os planos de possibilidades existenciais, de estudos, empregos, traços de solidariedade, têm sido sempre mais complicados para as mulheres em relação aos homens, comparando-se situação de interlocução de mesma idade, classe social, etnia, raça e crenças religiosas e orientação sexual; é porque, num mundo real, as armadilhas culturais são estigmatizadas como normas deontológicas, de um dever-ser – “toda mulher deve se casar para ser feliz”, “deve ser mãe para se realizar”, “deve poder ter um homem ao seu lado para a representar socialmente”; é porque a complexidade da existência das mulheres merece ser sempre revista, reformada, ressignificada, justamente por isso é que os escritos de Simone de Beauvoir ainda muito nos encorajam no cenário contemporâneo. Vamos lembrar aqui que em parte do segundo volume desta obra ela trata exatamente destes pontos na vida das mulheres.

Especialmente no Brasil, sob o imperativo dos traços ético-políticos da atualidade, reler Simone de Beauvoir parece um alento para pensarmos no cenário de ambiguidade atual. Nós nos pensamos e nos queremos como sujeitos de nossa própria história, mas somos tomadas como objetos sexuais, sujeitos de segunda categoria nos quadros axiológicos da atualidade... especialmente neste difícil momento que vivemos no Brasil.

**Ipseitas:** A obra que este dossiê celebra os setenta anos de publicação, *O Segundo sexo*, marcou uma geração de mulheres e de pesquisadoras. No final, Beauvoir apresenta

o que seria o “caminho para a liberdade” e aposta que a autonomia das mulheres passa pela independência financeira, chegando a afirmar que “desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona” (1970b, p. 449). Hoje, muitas coisas mudaram, não são mais tão raros os casos em que as mulheres são independentes financeiramente dos homens, mas, em geral, a possibilidade de “quebrar o sistema” parece distante. Podemos dizer que Beauvoir se equivocou? O que falta para o fim desse sistema?

**Magda Guadalupe dos Santos:** Não penso que Beauvoir tenha se equivocado. Depois da publicação de *O Segundo sexo*, tanto em suas obras de Memória, como em *Tout compte fait*, de 1972, traduzida entre nós como *Balanço Final*, em que ela procede, ao final do último capítulo, a uma retomada do processo evolutivo ou progressivo da situação das mulheres após a revolução industrial, a revolução social, as conquistas feministas, entre outras mudanças, assim como, numa outra obra que contém um conjunto de entrevistas concedidas, entre os anos 1970 e 1980 a Alice Schwartz, então editora da revista alemã *Emma*, Beauvoir menciona que, apesar da distância temporal com *O Segundo sexo*, que se publica pela primeira vez em 1949, ao longo dos anos verificou-se como duas condições especiais e próprias das mulheres não haviam se alterado: as relações de trabalho doméstico e as relações com a estrutura do poder e, em especial, com os movimentos político-sociais. Beauvoir insiste nos anos 1970 que “a mulher teria sido fabricada pela civilização e não biologicamente determinada”, mas era e ainda é necessário que se dirija “o próprio destino”<sup>2</sup>.

O trabalho doméstico ainda é preponderantemente feminino em todas as partes do mundo. Mesmo que os homens aleguem contribuir nessas tarefas, quando dividem um lar com uma mulher, seja companheira, esposa, irmã, mãe ou amiga, mesmo que a divisão de tarefas lhes pareça existente e comum, ela não permanece simétrica ao longo dos anos para grande parte das pessoas em situação de vida em comum. E quando há tal divisão, esta é assumida como um esforço bizarro pelos homens, como se não pertencesse a sua condição viril.

Na mesma proporção estaria a independência econômica das mulheres. Elas ainda recebem menos que os homens, na grande maioria de divisão de funções de emprego, seja em países capitalistas ou socialistas. Quando a estrutura de poder institucional parece equilibrada ou em bases de conformidade entre os sexos e gêneros, logo surgem os traços da interseção de classe social, estrutura de poder, normas de conduta, expectativas culturais. Especialmente no Brasil, parece haver ainda certo desconforto masculino com o sucesso econômico, empresarial, institucional, público e, no nosso caso, acadêmico de mulheres. Muitas vezes parecem ambíguas as apreciações: ou elas/nós não deveriam/deveríamos estar nesses cargos, pois não nos fazem ou nós não lhes fazemos jus ou não temos direito a eles; ou, se as mulheres ali se mantêm, é porque tiveram o apoio de algum homem bem-sucedido. O sistema ocidental parece não se importar em verificar o fracasso da plenitude do sujeito burguês ocidental, que se apoia na suposta natureza frágil e débil das mulheres.

---

2 BEAUVOIR, S. *Balanço Final*, 1982, p. 493.



Ademais, no caso de estudos sobre as mudanças sociais, não podemos nos esquecer das teóricas da sociologia e do direito que se amparam também, de forma implícita ou explícita, nas teorias de Simone de Beauvoir, como Heleieth Saffioti, Maria Benenice Dias, Mônica Sette Lopes, no Brasil, e Catharine MacKinnon, nos EUA, entre outras, para escapar um pouco da academia de base filosófica. Saffioti menciona a díade “dominação e exploração”, de raiz weberiana mas aplicada às relações de gênero, transformando-se em violência de gênero. Dias e Sette problematizam o vazio existencial das supostas “rainhas do lar”, que estão envoltas no manto e presas ao mastro da clausura doméstica, enquanto MacKinnon trata exemplarmente da violência estrutural do sistema patriarcal. Na filosofia e na história, as professoras argentinas, María Luisa Femenías e Silvia Mabel Novoa<sup>3</sup> têm trabalhado nos últimos anos a questão da violência incidente sobre as mulheres, que transforma a justiça na expressão das mais severas injustiças sobre as mulheres, por meio dos “rios subterrâneos” do silenciamento e da impunidade. Também Carla Rodrigues da Universidade do Rio de Janeiro tem problematizado o lugar de vulnerabilidade do feminino numa releitura de Beauvoir nas obras de Judith Butler.

Ora, nada mais atual do que, buscando amparo em outras bases da realidade vivida, estabelecer os princípios de alteridade feminina trabalhados por Simone de Beauvoir e verificar o seu nível de atualidade nos debates acerca de violência de gênero, tanto em âmbito público, quanto privado. E o que é mais desconfortante para as mulheres é que grande parte da sociedade assume que o Feminismo (embora eu prefira usar sempre Feminismos) seja algo ultrapassado, que as mulheres já conquistaram todos os lugares devidos, que não há diferenças de direitos e obrigações entre sexos e gêneros. Quando se parte desse pressuposto surreal, banalizam-se os detalhes do que Saffioti<sup>4</sup> denomina como “máquina simbólica” de funcionamento da ordem social, que “ratifica a dominação masculina na qual se funda”. E temos aí justamente o exemplo da divisão social do trabalho, das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, do seu lugar de domínio e aceitação, e, sobretudo, da naturalização das competências. Este nosso sistema é por demais perverso e envolve mulheres e homens num patamar de submissões a estilos de vida. Se não tivermos meios e fins para alterar a ordem valorativa do sistema, dificilmente, escaparemos do que Femenías chama *las trampas de la Dikè*, das ciladas do mito da justiça. Idealiza-se a justiça, mas vivencia-se um cenário continuado de belas aparências, de um mito de justezas, de adequações, de fúteis possibilidades de convivência.

As complexas relações entre mulheres e homens poderiam ser de outra conformação, mais harmônica, mais solidária, afinal ainda é possível recuperar ou reinventar o *eros* que une os sexos, mas é preciso também querer e desejar as mudanças existenciais.

Bem, poderíamos ficar aqui conversando sobre Beauvoir e Feminismos *ad eternum* o que seria um grande prazer e uma grande honra. Vamos deixar às leitoras e aos leitores o interesse de poderem sempre ler os escritos de Simone de Beauvoir e tomá-los sempre como uma cordial inspiração para um mundo mais equilibrado.

Agradeço muito por esta entrevista.

---

3 FEMENÍAS, M. L.; NOVOA, S. M. (Coord.). *Mujeres en el Laberinto de la justicia, VI. Los ríos subterráneos*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2018.

4 Saffioti, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, 16, pp. 115-136, 2001.